

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE AS COPAS DE 1950 E DE 2014: APONTAMENTOS SOBRE TRANSFORMAÇÕES NO FUTEBOL E NO BRASIL¹.

Carlus Augustus Jourand Correia²

Antonio Jorge Gonçalves Soares³

Resumo: O presente trabalho busca analisar as duas Copas do Mundo sediadas no Brasil, em 1950 e 2014. O objetivo do estudo é apontar semelhanças e diferenças na organização dos dois eventos, nos debates que eles suscitaram na época da sua realização e nos usos políticos decorrentes deles. Para isso, serão explicitados os contextos nacionais e internacionais em que os dois eventos estavam inseridos, para que se possa entender seus pontos de contato e de distanciamento. Nesse sentido, para compreender as análises foram utilizados como fontes dois jornais de grande circulação, além de peças propagandísticas e discursos políticos. O artigo propõe, por meio dessa análise, perceber como cada Copa do Mundo se configura como uma rica janela para analisar as transformações pelas quais passou o Brasil e o futebol nesses 64 anos entre as Copas de 1950 e de 2014.

Palavras-Chave: Copa do Mundo; Política; Futebol.

Approaches and distances between 50' and 2014's world cup: notes on transformation in football and in Brazil.

Abstract: This paper seeks to analyse the two world cups based in Brazil: one in 1950 and again in 2014. The objective of this study is pointing out similarities and differences, in the Organization of the two events, in discussions that they raised at the time of its completion and the resulting political uses of them. For this, the national and international contexts be given in which the two events were inserted, in order to understand their points of contact and distance. In this sense two mass circulation newspapers were used as a source, besides propaganda pieces and political speeches to understand the analysis. The article proposes through this analysis, realize how every FIFA World Cup™ is configured as a rich window to examine the transformations through Brazil and soccer, in those 64 years between 1950 and the World Cup of 2014.

Keywords: World Cup; Politics; Football.

¹ Essa pesquisa foi financiada pela *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)*.

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Núcleo de Estudos em Esportes e Sociedade (NEPESS) e do Laboratório de Pesquisa em Educação do Corpo (LABEC) abordando principalmente a temática da escolarização de jovens atletas e o futebol. E-mail: cabelovf@hotmail.com.

³ Doutor em Educação Física pela UGF. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ (Rio de Janeiro - Brasil). Bolsista de produtividade do CNPq e líder do Laboratório de Pesquisa em Educação do Corpo (LABEC). Autor de livros como Futebol, Malandragem reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. E-mail: ajgsoares@gmail.com.

Introdução

O presente trabalho procura evidenciar as semelhanças e diferenças entre os dois campeonatos mundiais de futebol realizados no Brasil, no que tange a sua preparação, sua repercussão e sua apropriação pelo Estado. Tentaremos demonstrar algumas transformações político-econômicas na ordem mundial, no Brasil e na Federação Internacional de Futebol (FIFA) através da comparação das Copas do Mundo de 1950 e 2014. Essas competições, realizadas no Brasil e distanciadas por 64 anos, podem servir como chave para apreendermos os processos de apropriação política desse esporte, as relações entre estado e sociedade e as mudanças e continuidades no agenciamento na imagem do país, bem como observarmos como a FIFA mudou sua maneira de lidar com os países-sede.

Para compreender o fenômeno das Copas do Mundo, e sua correlação com o contexto mundial, é preciso explicitar que o futebol⁴ é o esporte mais popular do mundo e sua popularidade decorre da política e do agenciamento da Federação Internacional de Futebol (FIFA). A Copa do Mundo de Futebol é o ápice das competições envolvendo o futebol dentro do circuito da FIFA. Somente no sorteio de grupos da Copa de 2010, 214 países receberam imagens, por meio de 376 canais televisivos, e a Copa do Mundo em si, realizada naquele mesmo ano na África do Sul, foi transmitida para todos os países e territórios do planeta, inclusive para a Antártida e o Círculo Polar Ártico, produzindo recordes de audiência para várias emissoras do mundo. A audiência domiciliar da competição alcançou mais de 3,2 bilhões de pessoas, compreendendo 46,4% da população mundial, considerando os telespectadores que acompanharam pelo menos um minuto de cobertura.⁵

Na esfera das disputas clubísticas, os números referentes à final da *Champions League*, principal competição de clubes de futebol, também mostram o poder de penetração desse esporte no mundo. Na partida final da *Champions League* 2014, realizada em Lisboa, houve transmissão para 200 países e audiência média de 380 milhões de espectadores.⁶ Esses dados mostram que ainda que não seja esportista ou formada por fanáticos pelo futebol, grande parte da sociedade global é afetada por esse esporte, seja pelos seus desdobramentos econômicos, políticos ou simbólicos. O historiador Eric Hobsbawm (2007) comentou que “todos fazemos parte de uma cultura futebolística” na

⁴ Existem várias modalidades de futebol tais como futebol de quadra, de areia, feminino e para deficientes. Contudo nesse texto sempre que assinalarmos a palavra futebol estamos lidando com o futebol profissional masculino praticado nos campos de grama.

⁵ Disponível <http://pt.fifa.com/worldcup/archive/southafrica2010/organisation//index.html>.> Acesso em 06 de jul. 2014.

⁶ Disponível <<http://es.uefa.com/uefachampionsleague/news/newsid=2111709.html>> Acesso em 10 de out.2014

contemporaneidade (p.12).⁷

Esta abrangência do futebol, nas diversas esferas da vida cotidiana de inúmeras partes do planeta, tem como premissa básica sua popularização através da televisão. Ao final da década de 1970 e início da década de 1980 presenciamos um grande processo de desenvolvimento tecnológico, proporcionado pelo incremento dos meios de comunicação e do transporte. Destacar que o surgimento das transmissões via satélite ao final dos anos 1970 foi o grande difusor dos esportes para um número cada vez maior de espectadores. (WHANNEL, 1992).

A exposição televisiva das principais ligas europeias atraiu, devido à popularidade e sua linguagem universal, as grandes empresas que perceberam neste veículo a oportunidade de vincular seus produtos a esse esporte altamente rentável. É justamente esta junção da televisão com o marketing, na qual o futebol se insere como elo fundamental de publicidade, que acaba por incorporar o esporte ao mercado mundial. Como aponta Marcelo Proni (2000):

Apesar de ter se transformado em esporte de massas, o futebol não podia ser assistido simultaneamente por milhões de pessoas, o espetáculo não podia ser vendido por milhões de dólares. Ou seja, antes que a televisão e o marketing esportivo transformassem o espetáculo de futebol num produto globalmente veiculado e consumido, a simples existência do regime profissional, a venda de ingressos e a negociação do 'passe' dos jogadores não implicavam sua difusão global. (p. 40-41)

O alcance da transmissão dos eventos esportivos e as imensas possibilidades de marketing global reforçam o aumento de visibilidade dos jogos gerando, como consequência, uma maior popularização. Maior audiência significa uma maior procura de patrocinadores dispostos a investir quantias cada vez maiores. A exposição dos esportes via televisão proporcionou o acompanhamento e consumo desse bem cultural em formas inéditas, e deu uma nova dimensão ao que se denominava de esporte-espetáculo, pois a partir da década de 1980 o mercado de bens e serviços se expandiu no mercado mundial. Esse fato transformou os grandes eventos esportivos em objeto de disputa entre estados, empresas, indústrias, mídias e outros atores (PRONI, 2000).

É importante ressaltar que este é um processo que tem como consequência a ruptura de antigos padrões do funcionamento da estrutura futebolística. Temos agora a progressiva constituição de “um campo de profissionais da produção de bens e serviços esportivos” que fica claramente acentuada na medida em que cria os requisitos para o “desenvolvimento de um esporte espetáculo totalmente separado do esporte comum” (BOURDIEU, 1990, p. 217). Nesse sentido, também podemos verificar, a partir de 1970, a introdução da televisão em cores nas transmissões da Copa do Mundo do México, e já na Copa seguinte a entrada de grandes marcas como a Adidas e a Coca-Cola como

⁷ Jornal *Clarín*, 12-06-2007.

patrocinadoras desse evento (SMIT, 2007).⁸

A Copa de 2010 segue como um bom exemplo para embasar essas afirmações. Além de ter sido o evento campeão de audiência naquele ano, também foi o que mais rendeu dividendos econômicos para seu organizador (FIFA) e seus colaboradores. Antes mesmo de seu início, a FIFA havia arrecado algo em torno de US\$ 5,6 bilhões, sendo que todas as previsões eram de aumento de receitas para a Copa de 2014. A razão é um tanto óbvia: sendo o evento campeão de audiência é, provavelmente, aquele que consegue amealhar maior retorno em termos de patrocínio e comercialização. Observemos a análise do secretário geral da FIFA:

Com a venda das cotas de patrocínio da Copa de 2010, a FIFA embolsou US\$ 2,4 bilhões, segundo o secretário-geral da FIFA, Jérôme Valcke. O valor é muito superior ao da Copa da Alemanha, em 2006. Para o Brasil, a FIFA estimava que o montante chegasse a US\$ 2,9 bilhões⁹.

A estimativa de Jérôme Valcke falhou, pois, o resultado foi melhor ainda, pois gerou cerca de US\$ 4,5 bilhões de dólares¹⁰. Na esfera política, a relação entre Estado e futebol também se mostra bem estreita ao longo da história desse esporte. Desde sua criação o futebol, em diversas ocasiões no panorama internacional, tem sido visto por muitos Estados como uma possibilidade de arregimentar seguidores, capitalizar apoios políticos, afirmar-se como Estados-nação no cenário internacional e como forma de construir e/ou reforçar as identidades nacionais (AGOSTINO, 2002). Não podemos esquecer que a FIFA e outras entidades esportivas de caráter internacional foram construídas e consolidadas na esteira do mercado dos Estados-nação.

As crenças sobre a força política do futebol e seu caráter civilizador são tão disseminadas, que, em alguns conflitos ao redor do mundo, os Estados e os organismos internacionais (ONU¹¹, OEA¹² e outros) acionam a FIFA, famosos atletas e jogos nesses territórios no sentido de estabelecer uma trégua momentânea para provocar a construção de acordos de paz. Para não sermos exaustivos, podemos exemplificar com o caso do marfinense Didier Drogba, e seu papel central na aproximação entre rebeldes e forças governistas para encerrar a guerra civil que já durava cinco anos na Costa do Marfim.

⁸ Em 1977 a Coca-Cola investiu US\$ 3 milhões no desenvolvimento do campeonato mundial de juniores em Tûnis, enquanto a Adidas “vestiu” todos os atletas daquele campeonato. Já no ano seguinte a Coca-Cola investiu US\$ 8 milhões no mundial da Argentina e para os contratos das Copas subsequentes, ou seja, 1982, 1986, 1990, 1994 e 1998, novas empresas entraram para patrocinar e as cifras alcançaram mais de US\$ 240 milhões.

⁹ Valor Econômico, 3/5/2010, p.8.

¹⁰ Acesso <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,receita-da-copa-do-mundo-supera-r-10-bilhoes-para-a-fifa,1506705>> Acessado em 08 jun. 2014

¹¹ Organização das Nações Unidas.

¹² Organização dos Estados Americanos.

Apesar da FIFA assumir que sua posição é laica e tenha tentado, na medida do possível, não assumir posição política no interior dos Estados nacionais, os certames organizados pela entidade estabelecem uma estreita relação entre futebol, política e identidade nacional. A Copa do Mundo não se limita à possibilidade de ganhos dentro do campo e dividendos econômicos principalmente para o país-sede, mas também à possibilidade de refletir para toda audiência as ideologias defendidas, as imagens construídas sobre a nação, sua indústria, ciência e seus programas políticos de governo.

O sucesso da Copa do Mundo de 1930, realizada no Uruguai chamou a atenção de Mussolini¹³, que viu nesse evento a possibilidade de propagar a ideologia fascista e reafirmar a Itália como um império poderoso. A apologia ao fascismo é uma marca indelével de toda a campanha italiana na Copa do Mundo de 1934, organizada por aquele regime, e evidencia bem as correlações entre o futebol e as questões daquele Estado autoritário. Para o ditador Benito Mussolini, não havia outro resultado imaginável que não fosse a conquista do título. O Duce¹⁴, não organizaria um torneio daquele porte para ver seus homens serem derrotados, pois o triunfo representaria a propaganda perfeita da força e da grandeza da Itália na época.

Em nossa história mais recente, a copa do mundo de 1978, realizada na Argentina, também ratifica os possíveis usos políticos desse evento pelo estado autoritário argentino naquele cenário de ditadura militar. O evento promovido pela FIFA, e acolhido por esse país, se converteu numa tentativa de popularização do regime, de renovação de um consenso nacional, e da melhoria da imagem interna e externa do país, imagem essa que estava vinculada às violações dos direitos humanos naquele estado de exceção.

Assim, o futebol tem sido um dos veículos de construção e afirmação dos Estados nacionais nesses eventos mundiais, e tem permitido que as narrativas políticas das comunidades imaginadas ganhem terreno na vida concreta. Isso se dá tanto para os Estados-nações que pretendem a afirmação da soberania no cenário internacional quanto para aqueles que procuram legitimar internamente os seus nacionalismos (HOBSBAWM, 1990).

No tocante a essas relações entre futebol, política e Estados-nação, as Copas de 1950 e de 2014, ambas realizadas no Brasil, também evidenciam apropriações e usos políticos. Tentaremos apontar as semelhanças e diferenças da relação ente Estado e sociedade entre os referidos eventos distanciados no tempo.

O Fenômeno Copa do Mundo

A Copa do Mundo de futebol é um evento esportivo que ocorre num intervalo

¹³ Representante político máximo da Itália no período do regime fascista desse país (1922-1943)

¹⁴ A palavra Duce significa líder em italiano e simbolizava a forma como gostava de ser chamado.

de quatro anos e é organizado exclusivamente pela FIFA em parceria com os países-sede e colaboradores. A primeira edição de Copa do Mundo ocorreu em 1930, no Uruguai. Contudo, a tentativa da FIFA de organizar um torneio de parâmetros internacionais vinha desde 1906, quando tentou organizar uma competição entre seleções fora do contexto olímpico. Na década de 1910, algumas tentativas de desenvolvimento de torneios entre seleções aconteceram, mas foi em 1914, sob a chancela do Comitê Olímpico Internacional (COI) que a FIFA reconheceu as competições de futebol dos jogos olímpicos como campeonatos mundiais de futebol amador¹⁵, passando a ficar responsável pela organização do evento. Isso possibilitou a oficialização do futebol a partir dos Jogos Olímpicos de Verão de 1920 (EISENBERG, 2004).

No entanto, o processo crescente de profissionalização do futebol na Europa e seu debate em muitos países sul-americanos, levaram ao desgaste e ao afastamento da FIFA - adepta do profissionalismo, do COI - defensor do amadorismo. A impossibilidade de abrigo de jogadores profissionais nas seleções que participavam dos Jogos Olímpicos levou à deterioração das relações FIFA-COI. Diante disso, durante um congresso da FIFA, em 1928, seu presidente, Jules Rimet, conseguiu aprovação para criar um torneio internacional organizado autonomamente, sendo a primeira competição dessa natureza realizada em 1930, no Uruguai, tendo contado com a participação de 13 seleções. Desde então as Copas do Mundo ocorreram de forma quase ininterrupta¹⁶ e o número de participantes, bem como sua influência mundial, aumenta a cada edição.

A Copa do Mundo e seu desenvolvimento como evento que abriga os Estados-nação foi efeito de um corolário de seu tempo, isto é, sua primeira edição se deu no período entre as duas grandes guerras. O esporte, ainda que fosse mimese da guerra, se tornava naquele contexto um argumento impregnado pelos valores disseminados pelo processo civilizatório (ELIAS; DUNNING, 1992). Assim, a Copa do Mundo se associou ao nacionalismo convencional e atualizou a nação enquanto categoria política e sentimental que poderia reunir os diferentes estados pacificamente. Até a metade do século XX, pelo menos, as Copas - e mesmo as Olimpíadas - estavam impregnadas pelos valores nacionalistas, e de algum modo ainda estão.

As Copas do Mundo se constituem como um agregado de significados que entre outras coisas mimetizam no campo de jogo os encontros simbólicos entre Estados-nação. Como cita Hobsbawm (1990) “a nação, esta imaginária comunidade de milhões, parece ser mais real na forma de um time de 11 pessoas com um nome” (p. 56). Dessa forma, toda vez que o selecionado de um país se reúne para uma partida, principalmente na Copa do Mundo, temos a representação da nação encarnada no estilo de jogo, no comportamento da torcida e na trajetória histórica daquela seleção (SOARES; LOVISOLO, 2003; DAMO, 2012).

¹⁵O reconhecimento da FIFA sobre o futebol nas olimpíadas ocorreu somente em 1914, mas essa modalidade esportiva já era praticada nas olimpíadas desde 1908.

¹⁶ Somente em 1942 e 1946 não ocorreram Copas do Mundo devido a Segunda Guerra Mundial.

Essas representações identitárias sobre as nações ganham no contexto da Copa do Mundo uma visibilidade global, e muitas vezes são apropriadas politicamente pelos Estados como forma de propaganda do governo, criação de consensos, bem como plataformas políticas e econômicas dentro e fora dos seus limites territoriais.

As representações identitárias e os usos políticos sobre as Copas do Mundo são elementos existentes desde suas origens. No entanto são elementos dinâmicos e constantemente reinventados à luz das transformações econômicas e sociais verificadas no mundo (VIEIRA, 2001). Nesse sentido, o surgimento da hipermercantilização do futebol e a intensificação da globalização a partir da década de 1980, trouxeram novos contornos para as Copas do Mundo.

Inserida nesse contexto, a competição se consolidou como uma mercadoria, atribuída de grande valor simbólico e econômico. No entanto, essa mercadoria não está ao alcance de todos, visto que a FIFA monopoliza os direitos comerciais da Copa e os comercializa junto às multinacionais interessadas em veicular seus produtos. A competição, nesses moldes requeridos pela FIFA, cada vez mais espetacularizada, custa caro e a própria entidade não teria como arcar com os custos sem parcerias.

Os parceiros privados, entre eles empresas e pessoas físicas, são importantes para a concretização do evento. Todavia, os países-sede possuem um papel central na construção dos eventos da FIFA. Esse protagonismo passa pela noção de que somente os Estados nacionais podem, efetivamente, oferecer tudo o que a FIFA demanda, pois além de estádios atualizados em todos os quesitos, a FIFA também exige três outros itens que empresas privadas teriam dificuldade de oferecer: segurança às delegações, autoridades e turistas participantes do evento; meios de mobilidade - aéreo e terrestre, entre e dentro das cidades e proteção legal aos seus parceiros e patrocinadores comerciais (DAMO, 2006). Além disso, não podemos esquecer que o papel do estado se impõe na medida em que a própria entidade surge e se estrutura a partir do mercado dos Estados-nação no Séc. XX.

Essa relação da FIFA com os Estados-nação sempre foi muito ambígua, pois mesmo precisando dos Estados para a organização do evento, procura se distanciar ao máximo dos governos locais, no intuito de manter a imagem apolítica ou apartidária da instituição, de forma que o esporte se coloca, com seus supostos valores inerentes, acima dos governos e opções políticas dos países. No entanto, a história tem demonstrado como a Copa do Mundo e a FIFA se constituíram ao longo do tempo como oportunidade de capitalização de investimentos, de propaganda nacional e governamental e de desenvolvimento do esporte.

A crescente procura dos países para concorrerem a sede da Copa do Mundo evidencia a percepção positiva das oportunidades que os governos locais podem ter ao sediarem esse tipo de competição. Sob o ponto de vista simbólico, as copas podem ser percebidas como instrumentos de reafirmação da nação para além das quatro linhas, e sob esse aspecto trataremos a seguir, de forma mais estrita, as copas de 1950 e de 2014.

As Copas de 1950 e 2014: Aproximações e Distanciamentos

Separadas no tempo por 64 anos, a primeira diferença entre as Copas do Mundo de 1950 e 2014 é a concepção em torno do funcionamento do futebol mundial pela FIFA. Durante os anos de 1950, período da primeira Copa no Brasil, a FIFA demonstrava interesse em crescer enquanto entidade e auferir rendimentos sobre a prática do futebol. Ainda sob a administração de Jules Rimet, o futebol gerido pela entidade e, conseqüentemente, seus campeonatos, eram vistos basicamente como disputas esportivas com a tentativa de ingerência mínima de empresas nos assuntos desse esporte, mesmo com a profissionalização dos atletas já em estágio avançado (EISENBERG, 2004).

Muitos desses dirigentes, inclusive Rimet, ainda possuíam resquícios da ideologia amadorística do início do século XX e tinham uma visão muito restrita do papel que uma entidade internacional deveria ter na conjuntura mundial. Os dirigentes europeus que controlavam a FIFA aceitavam o profissionalismo entre os atletas, mas ainda preconizavam a preservação do amadorismo para os dirigentes de clubes e federações (SOARES, 1998). Além disso, essa reminiscência amadora rechaçava qualquer acordo comercial ou incorporação de novas tecnologias, vistas como perigosas à independência da instituição e ao desenvolvimento do esporte. Até a década de 1970 a televisão foi vista como uma inimiga que poderia esvaziar os estádios e, portanto, diminuir os ganhos da FIFA com os ingressos, então sua principal fonte de renda. Dessa forma, a televisão foi introduzida ainda com certa reticência na Copa do Mundo da Suíça em 1954 sob o formato de videotapes, e somente em 1970, na Copa do México, é que as transmissões passaram a ser ao vivo (PRONI, 2000).

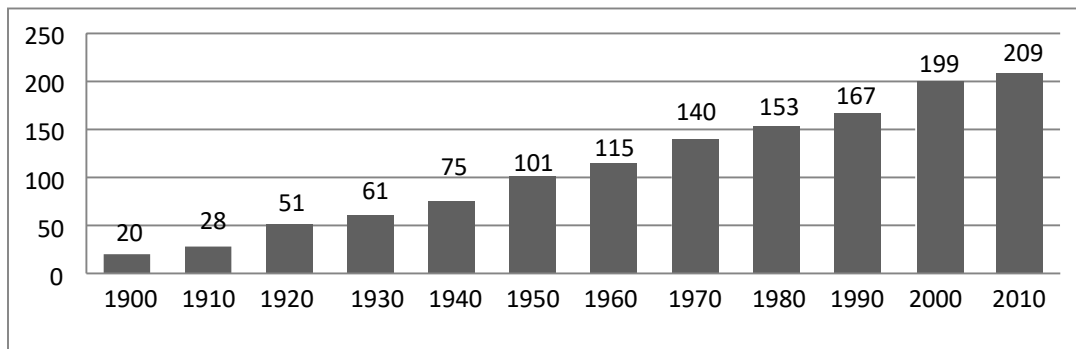
Desde seu surgimento, em 1904, até a década de 1970, a influência da FIFA no mundo ainda não estava consolidada e seus organogramas e ramificações globais eram limitados devido a um mundo que, a despeito das tecnologias existentes, ainda não estava completamente conectado pela globalização. Principalmente até a década de 1940, a FIFA se constituía como uma entidade pouco funcional que impunha suas regras às federações nacionais existentes. As federações nacionais, até esse momento, não vislumbravam vantagens na filiação à entidade, pois não havia organização sistemática de competições para além da Copa do Mundo. Essa sistematização só começou a se desenhar a partir da década de 1950 com a criação das confederações continentais como a UEFA (1954), AFC (1954), CAF (1957).

Desse modo, apesar de configurar-se, naquela época, como uma empresa privada, suas características estavam muito mais próximas das empresas familiares. A transformação pela qual a FIFA passou até se tornar essa grande empresa privada e transnacional vinha se desenhando com Stanley Rous à frente da entidade desde a década de 1960, mas foi com João Havelange que esse processo se intensificou. Havelange transformou a lógica do futebol ao modernizar a instituição e permitir a entrada maciça dos patrocínios, do marketing e da televisão (ALVITO, 2006; SMIT, 2007).

Sua política de mercantilização/expansão do futebol desenvolveu-se amparada num cenário que muitos historiadores têm caracterizado como a década-chave na formação de uma comunidade global, quando justamente se interconectam diversos agentes que até então apareciam como distantes ou separados. Nessa conexão, chama a atenção o impacto que as agências não governamentais – entre elas, a FIFA – tiveram no processo de constituição dessa sociedade internacional que expandiu os fluxos de capitais e “derrubou” as fronteiras dos estados nacionais.

Com a eleição de João Havelange para presidi-la em 1974, a FIFA se aproveitou desse cenário e, para internacionalizar e fortalecer sua marca, expandiu a modalidade no mundo através da aceitação de novas federações e da criação de novas modalidades a partir do futebol. A partir desse momento, numa escala progressiva, o futebol foi se transformando numa mercadoria altamente lucrativa, vendável e desejada. Conseqüentemente, como mostram os dados a seguir, as Copas do Mundo tornaram-se, a cada edição, megaeventos com exposição planetária sob a gestão da FIFA e dos estados selecionados para organizá-los.

Evolução das Filiações de Federações à FIFA



Dados retirados do site da FIFA: (<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/associations.html>)

Comparação entre as Copas do Mundo no Brasil

Ano	Sede	Valor dos contratos de Transmissão (US\$ milhões)	Número de patrocinadores	Audiência na TV acumulada (em bilhões)	Número de países com cobertura televisiva
1978	Argentina	S/d	2	S/d	90
1982	Espanha	23	10	10	100
1986	México	29	13	13,5	112
1990	Itália	57	15	26,7	132
1994	Estados Unidos	66	32	32,1	163
1998	França	138	18	37,0	180
2002	Coréia Sul/ Japão	782	16	28,8	196
2006	Alemanha	1360	21	32,0	199
2010	África do Sul	2408	16	26,2	205
2014	Brasil	4500	20	35,1	208

Dados retirados do site da FIFA (<http://pt.fifa.com/newscentre/index.html>)¹⁷

A diferença nas concepções do futebol, enquanto algo ainda artesanal na década de 1950 e como um produto industrializado após 1974, mudou a forma como a FIFA decidiu organizar o evento e as exigências feitas pela entidade aos países-sede. Na Copa de 2014¹⁸, para montar uma estrutura favorável para seus patrocinadores/colaboradores, a entidade buscou construir meios para maximizar a qualidade da exposição dos seus produtos através do caderno de encargos da instituição que normatiza globalmente o evento. Tal normatização indica o padrão dos estádios, o comportamento dos espectadores, a construção de infraestrutura de comunicação, entre outros. O famoso padrão FIFA. Esse padrão em determinados setores impõe aos países-sede a flexibilização de leis nacionais para atender às demandas da entidade e seus patrocinadores. O caso

¹⁷ Para as lacunas de dados encontradas no site da FIFA, foram pesquisadas informações em outros sites como: <http://copadomundo.uol.com.br/historia-da-copa/>; <http://terceiro.blogspot.com.br/p/graficos-e-dados-estatisticos.html>

¹⁸ O caderno de encargos da FIFA não é uma novidade para os países-sede. A primeira vez que ele apareceu formalmente para um país sede foi em 1978 na Argentina. Não por acaso essa foi a primeira Copa sob esse novo modelo de gestão aplicado por João Havelange.

da venda de cervejas nos estádios é um entre vários exemplos das imposições da entidade que se sobrepõe às leis nacionais nos países que proíbem o consumo de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol.

Numa perspectiva comparativa, em 1950 a FIFA teria feito exigências essencialmente pontuais sobre adaptações dos estádios, tais como colocação de alambrados, construção de túneis, reserva de espaços apropriados para jornalistas e substituição das arquibancadas de madeira pelas de concreto. Além disso, a entidade teria feito uma única visita prévia de vistoria de cada um dos seis estádios do mundial (MASCARENHAS, 2013).

As poucas requisições feitas pela FIFA em 1950 devem ser entendidas primeiramente por viés político, pois a entidade estava fundamentalmente voltada para conseguir realizar o certame.

A Copa de 1950 ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, pois as edições de 1942 e 1946 foram suspensas devido ao conflito. Trazer a Copa para América do Sul estava em negociação desde o final da Copa de 1938, na França, quando Argentina e Brasil se candidataram juntamente com a Alemanha nazista.

Com o advento da Guerra em 1939, a Alemanha retirou sua proposta cabendo aos dois países sulamericanos a disputa pela realização da competição. Além disso, a devastação sofrida pela Europa e as condições desse continente no pós-guerra tornaram mais palpável a opção pela sua realização no continente americano como vinha de fato sendo pleiteado pela confederação sulamericana desde o fim da década de 1930, o que somente viria a ocorrer em 1950. De fato, se por um lado, a FIFA ainda não era uma entidade com o monopólio e o poder que tem hoje na configuração do esporte, por outro as necessidades da época impunham à entidade as condições possíveis para a continuidade desse tipo de certame.

As diferenças entre os números das duas copas no Brasil ajudam a entender as transformações ocorridas na natureza desse esporte ao longo da segunda metade do século XX, e perceber como esse evento acompanhou o crescimento da FIFA. A comparação entre a Copa de 1950 e a de 2014 indicam as diferenças de investimentos nos setores hoteleiro, de transporte, de infraestrutura esportiva, de comunicação para dar suporte à circulação, de exposição e transmissão do evento esportivo para todo o mundo.¹⁹ Na tabela abaixo vemos alguns números que mimetizam a transformação da entidade nos 64 anos que separam os eventos.

¹⁹Esses investimentos foram realizados em sua maioria pelo Estado brasileiro através de financiamentos do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) e pela iniciativa privada através das parcerias público privadas (PPP).

Comparação entre as Copas do Mundo no Brasil

Indicadores das Copas no Brasil	1950	2014
Seleções nas eliminatórias	16 países	203 países
Continentes representados	3 continentes	5 continentes
Seleções presentes no torneio	13 seleções	32 seleções
Número de sedes	6 cidades	12 cidades
Gastos totais com o Mundial	437,5 milhões	47 bilhões
Jogos disputados	22 jogos	64 jogos
Duração do Torneio (em dias)	23 dias	31 dias
Público total nos estádios (em milhões)	1,337 pessoas	3,430 pessoas
Audiência acumulada (em bilhões)	S/d	35,1 espectadores

Dados retirados de: <http://copadomundo.uol.com.br/historia-das-copas.html>

A diferença na concepção e proporção do evento entre 1950 e 2014, no entanto, não evitou que o país se visse envolto em disputas acaloradas sobre a organização do mundial nos dois contextos. Muitas vezes a Copa do Mundo de 1950 ainda é vista como um momento de consenso entre os brasileiros em torno do futebol. No entanto, assim como vimos nesses anos que precederam o mundial de 2014, também em 1950 muitos foram os ataques e conflitos em torno da ideia de realização do mundial no país e como ele deveria ser desenvolvido (MELO, 2011).

No caso de 1950, os debates se fizeram presentes principalmente nos jornais, em especial aqueles de maior circulação como o *Jornal dos Sports*, o *Correio da Manhã*, *O Globo* e a *Tribuna da Imprensa*. Assim como na preparação para o mundial de 2014, também em 1950 foram protagonizados debates sobre a necessidade de construção de novos estádios (Maracanã) ao invés do aproveitamento daqueles já existentes (São Januário). Naquela ocasião devido às pequenas solicitações da FIFA com relação às praças de jogo e a estrutura da Copa, o debate principal sobre estádios ocorreu no Rio de Janeiro, até então capital federal²⁰.

²⁰ Também ocorreram debates sobre a construção de um estádio de futebol na Bahia. As opiniões no final da década de 1940 orbitavam entre a reforma do estádio do campinho e a construção de um novo estádio na região da Fonte Nova. Os acalorados debates levaram à construção do Estádio da Fonte Nova em 1951, mas não consideramos a construção desse estádio como o principal.

O debate sobre a construção de um novo estádio na cidade era, na verdade, parte de uma discussão muito maior sobre a necessidade de novas intervenções urbanas no Rio de Janeiro, devido ao crescimento da cidade ao longo das décadas de 1930 e 1940. Sobretudo durante todo período Vargasista (1930 a 1945) foi verificado um grande investimento industrial na capital federal que alterou a dinâmica econômica e acabou atraindo fluxos cada vez maiores de pessoas para a cidade (FAUSTO, 2000). Somente entre a década de 1930 e 1950 a população da cidade mais que dobrou, de 1 milhão 157 mil e 873 pessoas para 2 milhões 677 mil 451 pessoas (IBGE,2014).Nesse cenário, novos serviços básicos, ramos de comércio e espaços de lazer eram requisitados. Aqueles que defendiam a construção de um estádio no Distrito Federal argumentavam sobre a insuficiência da oferta de espaços esportivos na cidade. Mas se formos analisar atentamente, veremos que existiam pelo menos 10 estádios no Rio de Janeiro dos anos 40, sendo 8 deles com capacidade superior a 10 mil lugares.²¹ Diante disso, podemos supor que a construção de um novo estádio estava além da necessidade de novas praças (PEREIRA, 2000).

Para a Copa do Mundo e a construção da imagem do Brasil no exterior, as autoridades não queriam a utilização de um estádio estreitamente ligado às histórias dos clubes, como eram os casos dos estádios das Laranjeiras (Fluminense), da Gávea (Flamengo), de General Severiano (Botafogo) e de São Januário (Vasco da Gama), esse último além de pertencer a um clube ainda trazia a marca de ter sido palco do período varguista²². Por isso, para alguns políticos do Distrito Federal erguer um novo espaço esportivo significava um novo momento da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Além desses argumentos, a justificativa central, tanto em 1950 quanto em 2014, era a necessidade de construir um novo estádio que desse conforto e infraestrutura para os torcedores melhores que os existentes na época.

Aqueles que inicialmente se opunham as obras em 1950 defendiam que a prioridade da cidade não estava ligada à construção de um novo estádio, mas sim à solução dos problemas básicos de saúde, educação e segurança. Esses opositores bradavam que o contexto de crise econômica pós-segunda guerra mundial não permitia ao país e, em especial à Capital Federal, gastar dinheiro com a construção de um estádio como por diversas vezes argumentou Carlos Lacerda no jornal Tribuna da Imprensa (MELO,2011).

Podemos argumentar que os discursos dos periódicos de oposição estavam, além dos problemas existentes, também preocupados em fazer oposição ao *Jornal dos Sports*, cujo proprietário era o Jornalista Mario Filho²³. Essa crítica

²¹ Todos os clubes participantes do campeonato carioca de 1947, ano da escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo, possuíam estádio próprio.

²² O Estádio de São Januário foi largamente utilizado por Getúlio Vargas em seu período de governo como espaço físico para a construção do imaginário político e social do regime. Nele foram realizadas as comemorações do dia 1º de maio, o dia nacional da Educação, desfiles de escola de samba entre outros eventos cívicos

²³ Cabe ressaltar que essas disputas travadas pelos dois jornais evidenciam um enfrentamento político entre duas correntes político-econômicas. De um lado a União democrática Nacional (UDN) liderada por Carlos Lacerda sob perspectiva liberal do Estado e representada no Correio da Manhã e Tribuna da Imprensa. O outro lado

foi corroborada, na seção Carta ao Editor, nos dias posteriores à publicação da matéria anterior, pois várias foram as mensagens de leitores apoiando e endossando o discurso do jornal.

No plenário da câmara, Carlos Lacerda, líder da UDN, apontava um caráter fascista nas intenções do prefeito, a quem acusava de pretender erguer uma obra monumental “nos moldes da Itália de Mussolini e da Alemanha de Hitler”; além disso, questionava a saúde financeira da administração, a ponto de convocar ao plenário o secretário de finanças da prefeitura para explicações sobre os recursos financeiros do município. No outro lado, “Ary Barroso defendia a prioridade imediata do estádio sobre a construção de novos hospitais, argumentando que o povo preferia frequentar os campos aos leitos hospitalares, numa visão muito próxima à da expressa pelo seu amigo Lyra Filho” (FRANZINI, 2010, p.249).

Vimos que na edição da Copa do Mundo de 1950, assim como na de 2014, a preocupação com a alocação de recursos para criação de infraestrutura exclusivamente esportiva dividiu opiniões na cidade do Rio de Janeiro. Em 2014, pela maior complexidade do evento e seu caráter mais nacional, a preocupação com as obras e seus custos se tornou tema da conjuntura política no Brasil, tornando-se notícias nos jornais, nos sites de internet, nos debates nas assembleias legislativas e nas manifestações nas ruas. Pode parecer coincidência, mas Ronaldo Nazário, como um dos membros do Comitê Organizador Local, e sem a ironia de Ary Barroso, afirmou que se estava gastando dinheiro com saúde e segurança, mas lembrava que a Copa se faz com estádio e não com hospital.²⁴

Outro tema que gerou intensos debates na preparação da Copa de 1950, e que também esteve muito presente no escopo das reivindicações políticas da preparação para 2014, foi a designação de como seriam desempenhadas as responsabilidades sobre as obras para a realização dos jogos.²⁵ Em 1950, assim como em 2014, os debates orbitavam entre a responsabilização do Estado ou da iniciativa privada para criação dessa infraestrutura.

Nesse caso em 1950, a oposição à intromissão do Estado partia principalmente da UDN e dos jornais Tribuna da Imprensa e Correio da Manhã. Ancorados numa questão ideológica liberal e crentes no *laissez-faire*, homens como Carlos Lacerda, Diocesano Gomes e Fausto Matarazzo expunham sua visão de que o governo não deveria se envolver naquela empreitada. Como cita Melo (2011) “Justificando tal posição, alegava-se que o Estado tinha muitos outros problemas para dar atenção e que os esportes e sua infraestrutura poderiam ser satisfatoriamente gerenciados pela iniciativa privada e pelos clubes” (p. 27)

No outro extremo, homens como Mario Filho, José Lins do Rego e os

representado por Mário Filho e João Lyra Filho estava o jornal dos Sports com perspectivas mais relacionadas a atuação do Estado na economia e perspectivas nacionalistas.

²⁴ Acesso <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/06/1297590-ronaldo-usa-web-e-se-defende-da-afirmacao-de-que-nao-se-faz-copa-com-hospital.shtml>>acesso em 15 de out 2014.

²⁵No ano de 1950 a principal obra para realização dos jogos foi a construção Maracanã e o remodelamento do entorno do estádio. Em 2014 pelo aumento da complexidade do evento muitas outras obras em infraestrutura (aerportos, estradas, sistemas de comunicação, obras de mobilidade urbana) entraram nesse debate.

periódicos *Jornal dos Sports* e *Jornal do Brasil* defendiam a construção de um Estádio público que pudesse ser usado por todos os clubes. José Lins do Rêgo considera que a defesa da iniciativa privada sobre as obras de construção do novo estádio eram parte de um plano de negócios direcionado para o enriquecimento de alguns grupos econômicos. Dessa forma, questiona o interesse na entrada daqueles que ele intitula de “beneméritos do capital” para a promoção do esporte nacional como mostra sua coluna.

“Desde que os homens do governo resolveram tomar peito a grande obra de uma estádio, para a nossa cidade, surgiram os beneméritos do capital, os homens de negócios e se consagraram em S.A. ,com intuito de transformar em industria de dividendos fartos, uma praça de esportes, lá para as bandas de Irajá”²⁶.

Ao encontro do cronista, Mario Filho também combatia a iniciativa privada por vê-la como exclusivamente motivada pelo interesse financeiro, quando ele considerava que o esporte e a construção do Estádio Municipal deveriam se guiados pelo interesse esportivo dos clubes e torcedores. Ao defender a construção de um estádio público em oposição a iniciativa do ENSA, Mário Filho se utilizava também de argumentos jurídicos ao expor que a legislação vigente do Conselho Nacional de Desportos não permitia que o esporte fosse explorado comercialmente fosse por clubes, fundações e, na sua concepção, por empresas privadas (RODRIGUES FILHO, 1948).²⁷

Essas duas posições colocavam em evidência o conflito entre duas concepções de esporte, intensificadas após a profissionalização do futebol em 1933. De um lado aqueles defensores do Estádio Municipal e ainda arraigados à tradição mais amadora do esporte, enxergando que o lucro relacionado ao esporte deveria ser evitado. Do outro lado aqueles que enxergavam no esporte as possibilidades de ganhos financeiros e viam a necessidade de profissionalização do futebol também em nível de sua organização.

No mundial de 2014 vimos a crítica sobre a intromissão do estado partindo principalmente dos segmentos da esquerda, que encarando o evento como uma questão puramente comercial reivindicavam que a iniciativa privada arcasse com os custos do certame. Essa crítica veio acompanhada de um discurso de combate ao próprio capitalismo, realizado por esses setores políticos que enxergam na FIFA e suas signatárias, homólogas às grandes corporações comerciais capitalistas. Por outro lado, a massificação do acesso às informações, principalmente dos casos de corrupção no país e dos ganhos financeiros da FIFA, também fustigaram os setores médios da sociedade a criticarem os gastos *públicos* no Mundial.

A existência de intensos debates, e de uma grande preocupação com a organização e preparação do mundial nas duas edições brasileiras, deve ser encarada sob o prisma da importância material e simbólica que esse evento desempenha na

²⁶ *Jornal dos Sports* de 07/04/1948

²⁷ Seção “Críticas e Sugestões”. *Jornal dos Sports* de 23/03/1948, 25/03/1948.

(re)afirmação da imagem do Estado e da nação frente ao mundo e a ela mesma. Nas duas edições podemos perceber uma preocupação do Estado brasileiro em capitalizar o evento esportivo na direção da construção de uma imagem de Brasil para os estrangeiros e para os próprios brasileiros (HOLLANDA, 2014). Por meio de peças propagandísticas, construções imponentes e discursos políticos, a Copa do Mundo, em ambas as ocasiões, se constituiu como peça-chave da política interna e externa do Brasil nesses distantes momentos históricos.

No entanto, a diferença de contextos entre os dois momentos evidencia também distanciamentos sobre os usos dos dois eventos pelo Estado. No caso da Copa de 1950, o contexto internacional da época se caracterizava pelo fim da segunda guerra mundial e, conseqüentemente, pela polarização do mundo em dois blocos, um socialista e outro capitalista. Nesse contexto, do final da década de 1940, o país passou por um elevado crescimento econômico representado pelo aumento do Produto Interno Bruto (PIB) em conjunto com políticas de industrialização e de abertura ao capital estrangeiro. “A ideologia do desenvolvimentismo apontava para a modernização do país dirigida pelo Estado e associada à promoção do orgulho nacional” (MELO, 2011. P.7).

A decisão de sediar o mundial naquela época não atendeu apenas aos interesses particulares do esporte; muitos outros elementos entraram em jogo naquele momento, como a projeção de uma imagem do Brasil, particularmente da cidade do Rio de Janeiro, para o exterior, na esteira de um processo que já vinha sendo desenhado desde a virada do século XX, quando o país buscava apagar suas heranças coloniais em benefício de uma imagem moderna. Diante disso, além do resultado futebolístico estava em jogo a imagem do país diante do mundo e uma chance de projetar definitivamente o Brasil como empreendedor, moderno e vitorioso em direção ao desenvolvimento no cenário internacional (FRANZINI, 2010). Essas aspirações ficam explícitas nos discursos de Mário Filho (RODRIGUES FILHO, 1949), membro do comitê organizador, que por diversas vezes revelou que “Acreditar na Copa do Mundo e no Maracanã é acreditar no Brasil.”²⁸



Anúncio publicitário do estádio proposto pela iniciativa privada. Correio da Manhã, 27 de

²⁸ Jornal dos Sports 17/08/1949.

junho de 1948.²⁹

Aliado a esse contexto internacional, não podemos esquecer que internamente o país ainda possuía na memória recente o cenário antidemocrático, os desafios da integração nacional (deficiente) e o permanente reforço da unidade e da identidade nacional. Nesse ponto, o esforço de organização da Copa do Mundo de 1950 trazia consigo a intenção de gerar internamente coesão social e externamente a intenção de promoção da imagem moderna de uma nova nação. Diante dessas perspectivas a construção do Maracanã tornava-se a materialização dessa estratégia (MOURA, 1998).

Numa sociedade hierárquica e desigual como a nossa, em que a despeito da ideologia do igualitarismo burguês, as diferenças permanecem acentuadas e o respeito à lei só era esperado por aqueles que não se encontravam acima dela, afirmar a identidade nacional e estimular a integração nacional era extremamente complicado. De acordo com Carvalho (1990) e Da Matta (1997), percebemos que as fontes de identidade nacional no Brasil não são as instituições centrais da ordem social e não passaram pela escola. Destaque-se que em função da desigualdade educacional, na qual boa parte da população estava alijada da escolarização, o Brasil não pode construir a identidade nacional no espaço da escola pública como outros países que desde cedo investiram numa educação pública para todos. Nossa identidade se formou e se forjou na apropriação e no agenciamento pelo estado das manifestações culturais como o carnaval, as festas e o futebol.

Nesse sentido, sediar a Copa de 1950 significava para o Estado a possibilidade de consolidação dessa brasilidade por meio da articulação entre futebol e virtudes cívicas que vinham sendo construídas pelo menos desde a década de 1930. O principal exemplo dessa articulação está materializado na construção do Maracanã, entendido naquela época como um espetacular monumento arquitetônico erguido por todos e para todos os brasileiros.

O Maracanã representou, a realização de um projeto nacional, ao mesmo tempo integrador e hierarquizado, pois ao mesmo tempo em que buscava abrir espaços de participação para todos, igualmente objetivava marcar os locais destinados a cada grupo social. A ideia era que as diferentes camadas sociais estavam unidas num objetivo em torno de um projeto, mas cada um cumprindo suas funções.³⁰

²⁹ As três imagens utilizadas nesse trabalho nas páginas 16, 17 e 18 são dos jornais citados nos comentários logo abaixo delas, mas foram obtidas através do trabalho de Melo, 2011, intitulado “Percepções urbanas em jogo: os impactos da Copa do Mundo de 1950 à luz da imprensa carioca”. As fotos bem como os comentários são do seu trabalho e foram referenciados embaixo de cada imagem.

³⁰ Na época da construção o Maracanã comportava 10% da população carioca dentro de suas dependências, correspondendo a 200 mil torcedores.



“Fotomontagem publicada em 12 de fevereiro de 1949 pelo Jornal dos Sports colocando lado a lado pedreiros e operários com o prefeito general Mendes de Moraes, o Coronel Herculanô Gomes, responsável direto pela obra, e Mario Filho, todos trabalhando unidos para um único objetivo em comum. Jornal dos Sports, 12/02/1949.” (MELO, 2011. P.46)

Mario Filho por diversas vezes buscou racionalizar a derrota na final de 1950 afirmando que o Maracanã era prova da capacidade do Brasil e dos brasileiros (SOARES, 1998). Este aspecto simbólico de sinergia social foi reafirmado pela promessa de ingressos mais baratos e acessíveis, pela realização de homenagens e festas para os operários que realizaram as obras, mas principalmente através da arquitetura interna do estádio, que buscava, mesmo de forma hierarquizada, representar dentro do seu espaço a confluência de todas as camadas sociais. (HOLLANDA, 2014).³¹



“Foto do prefeito no meio da multidão de operários em uma cerimônia realizada pela prefeitura, com participação de artistas da rádio nacional, para homenagear os trabalhadores empenhados na obra. Diz um trecho da legenda da foto: “... tudo se encerrou de modo expressivamente *democrático*. O prefeito Angelo Mendes de Moraes, tomou lugar numa poltrona e confundiu-se entre os trabalhadores. Se a festa era de comandantes a comandados, não é, entretanto, menos verdade que comandantes e comandados merecem os mesmos tributos de agradecimento de esporte brasileiro”

³¹ Essa concepção de estádios monumentais foi largamente difundida nas décadas de 1950, 1960 e 1970, principalmente nos países integrantes do terceiro-mundismo. Além de materializar a ideia do desenvolvimento, esses estádios buscavam a possibilidade de abrigar um público marcado pela diversidade racial/social, bem como estimular a interação entre os habitantes da cidade

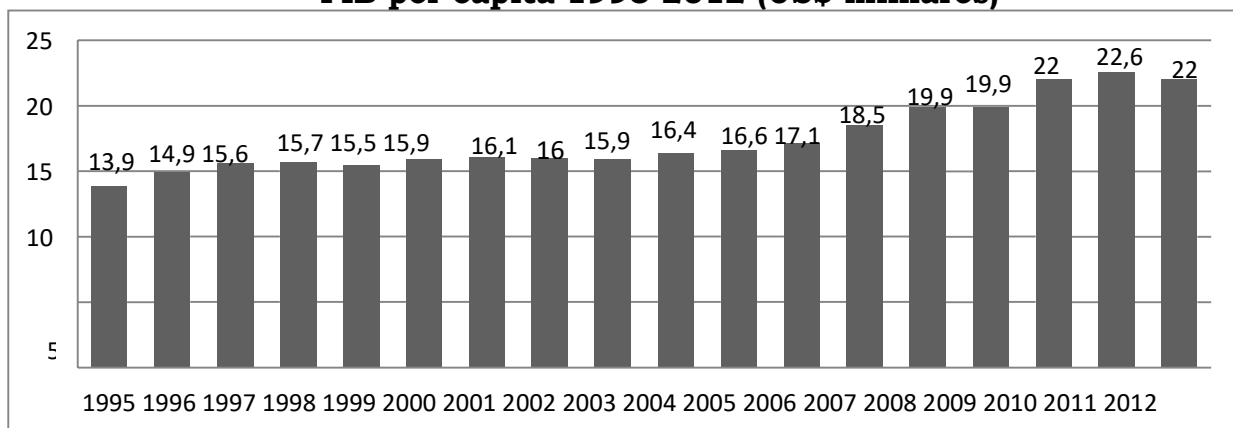
Ângelo Mendes de Moraes, tomou lugar numa poltrona e confundiu-se entre os trabalhadores. *Jornal dos Sports*, 02/04/1950.” (MELO, 2011. P.48)

Diante dessas questões, a Copa de 1950 marca principalmente uma tentativa do Estado brasileiro na direção de consolidação de uma imagem do país sobre si mesmo, amparado na ideia de integração, democracia e sociabilidade como marcas de nossa identidade e como combustível para o desenvolvimento político e econômico da nação (MOURA, 1998).

Quando nos debruçamos sobre o Mundial realizado em 2014, podemos observar mudanças significativas nas apropriações feitas pela política de Estado sobre o evento. No contexto do mundial de 1950, o Brasil ainda procurava *entrar* no círculo político e econômico dos principais países da ordem estabelecida naquele período de Guerra Fria, mesmo que fosse num patamar secundário e periférico. Diferentemente de 1950, nas últimas duas décadas o cenário econômico e político do mundo se modificou com a reorganização dos fluxos de capitais dos países centrais para os emergentes. Essa transformação aumentou o poder econômico, e consequentemente político, desses países antes chamados de terceiro-mundo no cenário internacional. Nesse novo cenário, o Brasil é um desses países emergentes que vem se consolidando no campo da política e da economia mundial.

O país participa do jogo dos fluxos de capitais no mundo globalizado, apresenta protagonismo político no Cone Sul e está representado nos blocos econômicos de destaque da economia global, como é o caso dos BRICS³². Internamente o país também verificou grande crescimento tecnológico e industrial, aliado ao combate da inflação, estabilização da moeda e redução das desigualdades sociais (CARCANHOLO, 2010).

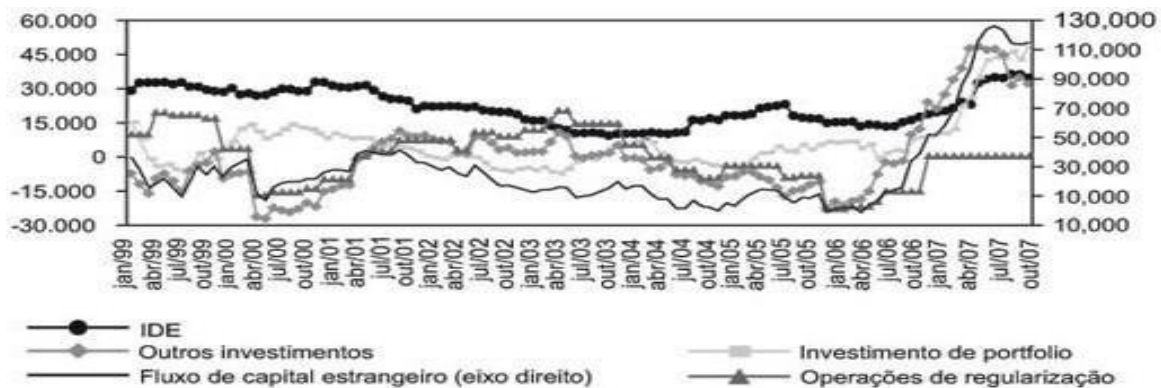
PIB per capita 1995-2012 (US\$ milhares)



FONTE:SCN/IBGE, Censo/IBGE, PNAD/IBGE, CCN/FGV

³² O **BRICS** é um agrupamento econômico atualmente composto por cinco países: **B**rasil, **R**ússia, **Í**ndia, **C**hina e **A**frica do **S**ul. Não se trata de um bloco econômico ou uma instituição internacional, mas de um mecanismo internacional na forma de um agrupamento informal, ou seja, não registrado burocraticamente com estatuto e carta de princípios

Fluxo de Capitais estrangeiros para o Brasil (US\$ milhões)



FONTE: Banco do Brasil. Elaboração Própria.

Dentro desse contexto de desenvolvimento, o Estado brasileiro vem desde a década de 1990 pleiteando candidatura a diversos eventos esportivos de grande porte, tendo logrado sucesso para o acolhimento do Panamericano de 2007, Jogos Mundiais Militares de 2011, Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016. Nesse processo, tais eventos, inclusive a Copa do Mundo de 2014, chegaram ao país como uma forma de ratificação da competência e do ingresso do Brasil nos territórios importantes da geopolítica internacional, como o conselho de segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), o G-20 e a presidência do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (DAMO; OLIVEN, 2013). Com isso, a Copa do mundo de 2014, junto com esses outros megaeventos, se constituíram em instrumentos de demarcação e consolidação do Estado brasileiro no cenário internacional, e na tentativa de construir a imagem de um competente gestor de uma economia forte com vocação para o desenvolvimento econômico.

O discurso de Luiz Inácio “Lula” da Silva à época da escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo em 2014, transparece o posicionamento chave desse evento na política de Estado para construção de uma imagem do Brasil no exterior. Diz Lula:

No fundo, no fundo, estamos assumindo uma responsabilidade enquanto nação, enquanto Estado brasileiro, para provar ao mundo que temos uma economia crescente e estável, com uma estabilidade [política] conquistada. Somos um país com muitos problemas, mas somos um país de homens determinados a resolvermos estes problemas.³³

Em 2009 no momento de escolha do Rio de Janeiro como sede das olimpíadas de 2016 o discurso caminhou numa posição parecida:

³³ Discurso feito por Lula em Zurique na Suíça em 31/07/2007.

É dia de comemorar, porque eu acho que o Brasil saiu do patamar de país de segunda classe. Respeito é bom, nós damos e nós gostamos de receber. E hoje nós passamos a receber o respeito que as pessoas começaram a ter do Brasil.[...]. O Brasil vive um excelente momento. Trabalhamos muito nas últimas décadas. Temos uma economia organizada e pujante, que enfrentou sem sobressaltos a crise que ainda assola tantas nações. Vivemos num clima de liberdade e democracia.³⁴

Analisando a declaração do ex-presidente “Lula”, podemos perceber como o acolhimento da Copa do Mundo de 2014 e dos outros megaeventos vem acompanhado pelo desejo reposicionar o país no tabuleiro da política internacional. Vir a ser reconhecido como ocupando uma posição de liderança na América Latina é, sem dúvida, uma ambição, bem como a entrada definitiva nos principais círculos de decisões da nova ordem multipolar do mundo. A questão nesse novo cenário pós década de 1990, diferentemente de 1950, não passa apenas pela inserção do país nos principais fluxos de capitais e na política mundial sob uma posição secundária. Na verdade, o discurso de Lula explicita um projeto que busca superar essa imagem secundária do Brasil no mundo tornando-o protagonista e um dos postulantes a potência política e econômica no mundo.

A realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Brasil tem pouco impacto prático na entrada do país nesses círculos, mas é inegável a estreita relação entre as formas discursivas de promoção de tais eventos no Brasil e a base das reivindicações e da autoimagem construída para o exterior.

Conclusões

Pode-se perceber ao longo do século XX a expansão e o impacto que o fenômeno futebolístico alcançou no mundo e mais especificamente no Brasil. O desenvolvimento do esporte não se deu apenas pelo aumento no número de praticantes e espectadores, mas também pelo agenciamento de intensificação das paixões e dos sentimentos de pertencimento atrelados ao futebol. Nesse processo, o poder do futebol enquanto linguagem política, diplomática e propagandística não foi desconsiderada pelos Estados, pelos governos e pelas mídias. Esses atores sociais perceberam nesse esporte um importante fio condutor para a exposição de seus projetos políticos e ambições internacionais.

Na história do futebol foram diversos os exemplos de aproximação entre esse esporte e a política³⁵. Contudo, a Copa do Mundo, por ser um dos eventos com maior impacto no mundo, torna-se um espaço privilegiado para os usos políticos. Diante disso, ao longo da história diversos países utilizaram o mundial nesse sentido.

Foi possível perceber que a realização dos dois mundiais no país não estava atrelada apenas a vontade de sediar os jogos. Havia na candidatura e organização do

³⁴ Discurso feito por Lula em Copenhague na Suíça em 02/10/2009.

³⁵ Entre os exemplos temos: A Itália fascista na década de 1930, a Argentina e o Brasil durante suas ditaduras militares e o time do *Start* (antigo *Locomotiv* Moscou) durante a ocupação nazista na Polônia.

Brasil para as duas edições da Copa do Mundo, uma estratégia explícita de auferir ganhos materiais e simbólicos com o evento.

Apesar da relativa distância no tempo, as duas edições da Copa do Mundo ainda mantêm aproximações, principalmente no que tange aos debates dentro da sociedade civil sobre sua preparação e as possibilidades de reafirmação da imagem do Brasil para o exterior e para sua própria população. Essa separação também indica a permanência das dificuldades de gestão e planejamento no Brasil (nas obras e no campo), e a manutenção do monopólio FIFA sobre a prática do futebol e participação nas competições.

No entanto, apesar dos eventos serem da mesma natureza, a separação no tempo também indica o abismo entre o Brasil e a FIFA de 1950 e o de hoje. As comparações dos dois mundiais no que tange à organização nos permitem perceber a transformação da FIFA em grande corporação transnacional cada vez mais ligada ao mundo dos negócios e do espetáculo. Além disso, se analisarmos os usos políticos feitos pelo Brasil em cada um desses dois momentos, perceberemos as transformações econômicas e políticas atravessadas pelo país nesses 64 anos.

No final das contas, o que podemos afirmar com certeza é que a Copa do Mundo é muito mais do que uma simples competição de futebol que excita o mundo durante um mês; na verdade, por meio dela contextos históricos nacionais e internacionais podem ser lidos por meio do esporte.

Referências

AGOSTINO, G. *Vencer ou Morrer: geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALVITO, M. A parte que te cabe neste latifúndio: O futebol brasileiro e a globalização. *Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, Lisboa, v. 41, n. 2, p. 451-474, 2006

BOURDIEU, P. *Programa para uma sociologia do esporte*, In: BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 207-220.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico histórico da cidade do Rio de Janeiro (1872-2010). Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>. Acesso em: 12 de out. 2014.

CARCANHOLO, M. D. Inserção externa e Vulnerabilidade no governo Lula. In: PASSARINHO, P. *Os anos Lula: Contribuições para um balanço crítico (2003-2010)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p.109-130.

CARVALHO, J. M. *A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e Herói: para uma sociologia do dilema brasileiro*. São Paulo: Rocco, 1997.

DAMO, A. *O Ethos capitalista e o espírito das Copas*, In: GUEDES, S. L.; GASTALDO, E. L. *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, P. 22- 48.

_____. O desejo, o direito e o dever – a trama que trouxe a Copa ao Brasil, *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n.02, p. 41-81, 2012.

DAMO, A; OLIVIEN, R. O. O Brasil no Horizonte dos Mega-eventos esportivos de 2014 e 2016: Sua Cara, seus sócios e seus negócios, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 19-63, 2013.

EISENBERG, C. *FIFA 1904-2004: Um siglo de Fútbol*. Madrid: Pearson Educación, 2004.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*, Lisboa: Difel, 1992.

FAUSTO, B. *História Concisa do Brasil*, São Paulo: EDUSP, 2000.

FRANZINI, F. Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950. *Revista de História*, São Paulo, v.54n. 163, p. 243-274, 2010.

HOBSBAWM, E. *Nações e Nacionalismos desde 1780: Programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLLANDA. B.B.B. O fim do estádio-nação? *Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014*. In: CAMPOS, F. ; ALFONSI, D. *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 322-345.

MASCARENHAS, G. A Copa do Mundo de 1950 e sua inserção na produção do espaço urbano brasileiro, *Geo UERJ*, v. 2, n. 24, p.10-21, 2013.

MELO, E. S. O de, Percepções urbanas em jogo: os impactos da Copa do Mundo de 1950 à luz da imprensa carioca. Rio de Janeiro: Programa Nacional de Apoio à Pesquisa - PNAP, 2011.

MOURA, G. de A.. *O Rio Corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PEREIRA, L. A. de M., *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRONI, M. W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp, 2000.

RODRIGUES FILHO, M. Os perigos da ENSA e a violação da lei. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 25 de mar. 1948. Editorial, p.3

_____. A Copa no Brasil é a Copa do Brasil. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 17 de ago. 1949. Editorial, p.2.

REGO, J. L do. O que buscam os empresários da cidade? . *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de mar. 1948. Caderno de esportes p 27.

SILVA, L. I. Discurso de recebimento do Mundial FIFA 2014. Zurique: FIFA, 31 de jul. 2007. Conferência de escolha das sedes para Copa do Mundo de 2014.

_____. Discurso de recebimento das Olimpíadas de 2016. Copenhague: COI, 02 de out. 2009. Conferência de escolha das sedes para as Olimpíadas de 2016.

SOARES, A. J. G: *Futebol raça e nacionalidade no Brasil: Releitura da historia oficial*. Rio de Janeiro: UGF, 1998. 336 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 1998.

SOARES, A. J. G; LOVISOLO, R. H. Futebol: A construção histórica do estilo Nacional. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

SMIT, B. *Invasão de Campo: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

WHANNEL, G. *Fields in Vision: television sport and cultural transformation*. London: Routledge, 1992.

VIEIRA, J. J. *Paixão Nacional e Mito Social: A participação do Negro no Futebol. Profissionalização e ascensão social*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2001. 321f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto Universitário de Pesquisas Rio de Janeiro, 2001.

Recebido em 18 de novembro de 2014
Aprovado em 11 de fevereiro de 2015